

---

# **MAPEAMENTO ETNOGRÁFICO DO EXTRATIVISMO DO CAMBUÍ (MYRCIARIA SPP.) NOS TERRITÓRIOS DO BIOMA CAATINGA E ADJACÊNCIAS**

---

Relatório Técnico  
Conclusivo

Produto Técnico da Tese de Doutorado de:

**PAULO EDUARDO  
ROLIM CAMPOS**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Campos, Paulo Eduardo Rolim

Relatório Técnico Conclusivo do Mapeamento etnográfico do Extrativismo do Cambuí (*Myrciaria Spp.*) nos territórios do bioma Caatinga e adjacências / Paulo Eduardo Rolim Campos, Vilmar Luiz Lermen, Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen, Ana Rosa Peixoto, Juazeiro: UNEB, 2023.

48p.: il.

Relatório Técnico Conclusivo. Inclui referências.

1. Agroecologia
2. *Myrtaceae*
3. Redes Produtivas
4. Sociobiodiversidade.

CDD 634

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNEB com os dados fornecidos pelos autores. Bibliotecário: Regivaldo José da Silva CRB 5/1169

# AUTORIA

## **Paulo Eduardo Rolim Campos**

Doutor em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável e Especialista em Permacultura ambos pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). Especialista em Arqueologia Social Inclusiva e Licenciado em Geografia, ambos pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Licenciado em Pedagogia pelo Centro Universitário Ítalo-Brasileiro (UniItalo). Sempre envolvido em processos coletivos de construção do conhecimento, especialmente junto a estudantes em todos os níveis de ensino, organizações sociais, comunidades tradicionais e povos indígenas. Tenho acumulado experiência em ações de assessoria, consultoria, ensino, elaboração e execução de projetos. Minha conduta vivencial-teórica-reflexiva se assenta em torno da Alfabetização Ecológica; Agroecologia; Arqueologia Social; Cartografia Colaborativa; Conhecimento Tradicional; Design Ecológico; Ecologia Aplicada; Etnociências; Gestão das Águas; Geo-História e História da Geografia; Memória Biocultural; Museologia Social; Permacultura e outros conhecimentos de base ecológica. Faço parte da Articulação Cearense de Agroecologia (ARCA).

## **Vilmar Luiz Lermen**

Mestrado em Extensão Rural e Aperfeiçoamento em Tecnologias de Baixa Emissão de Carbono - Fortalecendo a Convivência com o Semiárido (TecABC) ambos pela UNIVASF. Especialista em Gestão e Manejo de Recursos Ambientais pelo IFCE. Especialista em Geografia pela UPE. Pedagogo pela UNIJUÍ. Agricultor agroflorestal, com experiência em metodologias participativas com agricultores familiares e manejo de Sistemas Agroflorestais (SAFs) no Semiárido. Facilito oficinas e cursos no Sertão do Araripe pernambucano e no Nordeste. Membro da AGRODOIA, do MAIS e ONGs. Sou apicultor e meliponicultor há mais de 25 anos. Sou facilitador de cursos de gestão de água e cisternas de placas (P1MC e P1+2, da ASA) e de Educação Contextualizada para o Semiárido. Participo da coordenação de organizações sociais, comissões e conselhos na Região do Araripe (AGRODOIA, CDME, COMTUR, STR/EXU) e APA Chapada do Araripe. Possuo experiência em agropecuária, coordenação de projetos, agrofloresta, sementes crioulas e agroindústria familiar. Orientamos estudantes em TCC, participamos de pesquisas com Universidades, Institutos Federais e Sociedade Civil. Faço parte da startup Canteiro, como consultor agroflorestal e bolsista do CNPq/RHA, no Projeto Re flora auxiliando no desenvolvimento de uma plataforma digital de design e planejamento de produção e renda de SAFs e assessoramos comunidades em SAFs na África, via Agroflorestando.

## **Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen**

Graduada em Ciências Humanas, agrofloreitora, apicultora e meliponicultora, educadora popular, associada da AGRODÓIA, benzedeira de mãos postas, membro da Rede Aroeira Saúde da Mulher Campo e Cidade. Coordenadora do Espaço de Vivência Maiêutica. Atuando principalmente nos seguintes temas: ancestralidade, curandeiras, medicina popular, agrofloresta, vivências em roda, semiárido, convivência, cientistas ancestrais; benzedeira, raizeira, cosmonucleação, regeneração, plantas medicinais e orientadora em saúde comunitária.

## **Ana Rosa Peixoto**

Possui mestrado em Fitossanidade pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (1994) e doutorado em Fitopatologia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2005). Atualmente é Professora Plena da Universidade do Estado da Bahia, professora e orientadora dos Programas Pós-Graduação em Agronomia (Horticultura Irrigada) (Mestrado) e em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (Doutorado Interinstitucional). Tem experiência na área de Agronomia, com ênfase em Fitopatologia, atuando principalmente nos seguintes temas: doenças bacterianas, patologia pós-colheita, qualidade sanitária de sementes, controle alternativo de doenças de plantas.

# APRESENTAÇÃO

O presente Relatório Técnico Conclusivo objetiva apresentar uma síntese da Tese “Mapeamento etnográfico do Extrativismo do Cambuí (*Myrciaria Spp.*) nos territórios do bioma Caatinga e adjacências”. Esta passou pelos territórios ricamente biodiversos do bioma Caatinga, palco de dinâmicos processos em torno do extrativismo vegetal de frutas silvestres, entre elas o cambuí (*Myrciaria spp.*), uma frutinha que além do fator nutricional, tem importância social, cultural, ambiental e econômica. Sua produção nessa região reveste-se de relevância para as populações tradicionais, sobretudo pelo beneficiamento dos frutos, que garante renda. O presente trabalho investigou a produção agroextrativista do cambuí no bioma Caatinga, por meio de pesquisa foi realizada para todo o território que compreende a Caatinga realizada e em especial Associação dos/as Agricultores/as Familiares da Serra dos Paus Dóias “AGRODÓIA”, localizada na Chapada do Araripe, zona rural de Exu/Pernambuco. É uma abordagem quáli-quantitativa e adota a Revisão Narrativa e a Estatística-Descritiva como método. Na coleta de dados utilizou-se um questionário semiestruturado, com perguntas centradas em aspectos sobre a ecologia do cambuí; a economia do cambuí; a cultura do cambuí e a organização social dos grupos extrativistas. Por meio desta pesquisa mapeou-se a área de ocorrência natural do cambuí no bioma Caatinga; Identificou-se as populações tradicionais e os grupos diferenciados que manejam o cambuí no bioma Caatinga; Analisou-se a produção econômica do cambuí no bioma Caatinga. Constatou-se que embora sejam escassos os dados ecológicos e econômicos para o cambuí, a planta como todo é portadora de uma importância significativa no cotidiano das populações que com ele interagem.

Cordel **"Viva o Cambuí"**  
por Paulo Eduardo Rolim Campos

**Parente da jabuticaba  
E também da pitangueira  
Cambuí é um encanto  
Uma planta de primeira  
Desde sempre admirada  
Conhecida e utilizada  
Pela gente catingueira.**

**Da família *Myrtaceae*  
A mesma da goiabeira  
Cambuí é como ouro  
É tesouro de primeira  
Devendo ser protegido  
Resguardado e guarnecido  
Pela nossa gente inteira.**

**Desde muito antigamente  
Até o tempo presente  
Um magote de caboclo  
Preocupado com seu povo  
Que o que comer iam  
Pra colher o cambuí  
De suas aldeias partiam.**

**Kariri, Xukuru,  
Kiriri, Payaya,  
Kaimbé, Kapinawá  
A eles nos unimos  
Pra mode os venerar  
Essas ciências escutamos  
Pro cambuí preservar!**

**Em meados dos 2000  
Do século presente  
Famílias agricultoras  
Articularam sua gente  
Em seus territórios inventaram  
Que com cambuí do terreiro  
Viveriam alegremente.**

**Com base na confiança  
O acordo foi firmado  
A justiça na pesquisa  
É a lei da governança  
No respeito e no seguro  
Presente, passado e futuro  
No cambuí tá a herança.**

**Com base na sapiência  
Foi pesquisa executada  
A partilha e a bonança  
É a lei da governança  
Houve troca de sabença  
Catimbau, Araripe, Diamantina  
Pois é lá que há potência.**

**Marôpos, Terezas, Marias...  
Muita gente escutamos  
À sabedoria do povo  
A ciência nos juntamos  
De modo que a pesquisa  
Mais completa mais fornida  
Mais redonda à deixemos.**

**AGRODÓIA, Aroeira  
Xukurús, Kapinawás,  
Catadoras de Mangabas  
Nos permitimos escutar  
Experiências trocamos  
Ao fim do projeto sigamos  
Com o cambuí em nosso altar!**

*“Há três décadas, o extrativismo parecia fadado a desaparecer diante da concorrência dos produtos sintéticos, das redes arcaicas de comercialização, da imagem negativa da atividade associada à pilhagem e destruição dos agroecossistemas, da baixa rentabilidade econômica e da tendência de generalização da tecnificação dos processos de trabalho no espaço rural com profundas consequências nas relações sociais para atender mercados exigentes e globais. Os anos passaram, e a atividade extrativista se extinguiu em algumas áreas conforme previsto, agoniza em outras, mas também persiste como uma das possibilidades de reprodução social de populações rurais que desenvolvem sistemas produtivos, nos quais a caça, agricultura e pesca são componentes essenciais segundo arranjos variados e com técnicas de baixo impacto ambiental.”*

(Dalva Maria da Mota, Heribert Schmitz e Josué Francisco da Silva Júnior – O extrativismo em tempos de globalização no Nordeste brasileiro, 2007).



# SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>10</b>
<b>Envaredando nos cambuizais .....</b>	<b>12</b>
<b>Caatinga .....</b>	<b>20</b>
<b>Mapeando a ocorrência de cambuí (<i>Myrciaria spp.</i>) no bioma Caatinga e nas zonas adjacentes .....</b>	<b>21</b>
<b>Inventariando a organização social do extrativismo do cambuí (<i>Myrciaria spp.</i>) no bioma Caatinga e nas zonas adjacentes .....</b>	<b>30</b>
<b>A Associação dos(as) Agricultores(as) Familiares da Serra dos Paus Dóias "AGRODÓIA" .....</b>	<b>25</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>38</b>
<b>Referências .....</b>	<b>39</b>

# INTRODUÇÃO

---

*Me leva, me leva, me leva que eu quero ir  
Pra beber água de coco, com casca de cambuí  
Me leva, me leva, me leva que eu quero ir  
Pra beber água de coco, com casca de cambuí.  
Doce Bahia por Benito de Paula (1982).*

Nosso mote aqui é se enveredar – entrar nas veredas – nos territórios do bioma Caatinga, ricos em biodiversidade, que promovem dinâmicos processos em torno do extrativismo vegetal de frutas silvestres, entre elas estão os cambuís (*Myrciaria spp.*), uma espécie que além do fator nutricional e alimentar tem importância econômica, social, cultural, ecológica e ambiental, Lemos *et al.* (2018).

Sua produção nessa região reveste-se de relevância para as populações tradicionais. A interação com a planta é especialmente importante para algumas populações indígenas, quilombolas e de agricultura familiar, mas não somente, uma vez que o cambuí permeia o imaginário de uma significativa parcela da sociedade regional, Campos *et al.* (2023). É fácil se deparar com localidades que tem na gênese do seu nome a referida planta, são inúmeros povoados, cursos d'água, ruas e até município que atende pelo nome de cambuí. Essa fito-toponímia, que se apresenta em variados lugares, evidencia tão quão é abrangente e dispersa a distribuição geográfica do cambuizeiro. No entanto, embora esteja sempre presente nos mapas e no imaginário das pessoas, verifica-se a escassez de dados sobre a fruta e a cultura a ela associada.

A produção do cambuí, assim como de muitos outros produtos florestais, é taxada de invisível, não sendo facilmente encontrada em estatísticas oficiais. Isso se deve ao fato de que seu comércio quase sempre ocorrer de maneira informal nas feiras populares. Outra parte desta produção sequer é comercializada, porém, permeia os costumes locais, possuindo uma significativa importância no cotidiano das comunidades que o manejam, e dele se beneficiam. A ausência de uma sistematização de dados acerca da dinâmica sócio organizacional sobre o extrativismo do cambuí é a principal motivação para a realização deste trabalho.

Compreende-se que dessa forma será possível estabelecer indicadores para o setor, visando à sustentabilidade da espécie, bem como a manutenção do modo de vida dos grupos sociais que com ele interagem, por meio de suas redes produtivas em torno do extrativismo do fruto. A importância desse trabalho reside em disponibilizar dados úteis, a ações de futuras políticas públicas para a sociobiodiversidade, de modo que viabilizem alternativas de melhor aproveitamento da biodiversidade do bioma Caatinga, beneficiando as populações tradicionais, e por sua vez a sociedade na totalidade.

Dada a importância do cambuí para alguns povos da Caatinga, o presente trabalho tem como temática principal a relação socioambiental e econômica da produção extrativista do

cambuí na Caatinga e suas zonas adjacentes, em especial a da Associação dos/as Agricultores/as Familiares da Serra dos Paus Dóias "AGRODÓIA", localizada na Chapada do Araripe, zona rural de Exu/Pernambuco. O trabalho está dividido em quatro partes: (1) Enveredando nos cambuizais, uma revisão de literatura na qual se achou oportuno fazer uma analogia com o ato de adentrar no cambuizal para coletar o fruto. Este é dividido em: A ecologia do cambuí na Caatinga e A economia do cambuí na Caatinga; (2) Metodologia, seção a qual expõe a área de estudo, o método de coleta e análise dos dados; (3) esta seção intitulada, Mapeando a ocorrência de cambuí (*Myrciaria spp.*) no bioma Caatinga e nas zonas adjacentes na qual é realizada a identificação e posterior mapeamento dos registros de ocorrência natural de cambuí (*Myrciaria spp.*) no bioma Caatinga e nas zonas adjacentes (4) Em seguida versa-se sobre Usos e costumes dos povos indígenas da Caatinga com o cambuí, essa seção é uma síntese da mesa-redonda intitulada: "Usos e costumes de frutos nativos pelos povos indígenas do semiárido: o caso do Cambuí" oportunidade a qual fomos convidados a mediar por ocasião III Encontro de Saberes Indígenas do Semiárido; (5) Neste capítulo intitulado Inventariando a organização social do extrativismo do cambuí (*Myrciaria spp.*) no bioma Caatinga e nas zonas adjacentes, versa-se sobre os grupos humanos que interagem com planta, identificando onde estão e o que fazem com a planta; (6) por fim, em Associação dos/das Agricultores/as Familiares da Serra dos Paus Dóias "AGRODÓIA": um estudo de caso, tratamos de evidenciar a trajetória desta organização que tem se firmado no cenário nacional como uma referência no extrativismo e no processamento do cambuí.

Assim, considerando a necessidade de entender melhor os mecanismos que acerbam as redes produtivas agroextrativistas e a premente necessidade de gerar dados consistentes sobre essa atividade, considerou-se necessário responder às seguintes perguntas: Onde estão as concentrações naturais das espécies frutíferas da família Myrtaceae, popularmente conhecida por cambuí (*Myrciaria spp.*)? Quem e como está manejando? Quais os benefícios ambientais, econômicos e sociais que o extrativismo do cambuí tem oportunizado aos territórios onde estão inseridos?

Partindo das referidas premissas, o trabalho objetivou investigar a produção agroextrativista do cambuí no bioma Caatinga e suas zonas adjacentes, em especial a Associação dos(as) Agricultores(as) Familiares da Serra dos Paus Dóias "AGRODÓIA", localizada na Chapada do Araripe, zona rural de Exu/Pernambuco, e como essa atividade produtiva pode contribuir no processo de desenvolvimento integral das comunidades extrativistas, com os seguintes objetivos específicos:

- Mapear a área de ocorrência natural do cambuí (*Myrciaria spp.*) no bioma Caatinga e nas zonas adjacentes;
- Identificar as populações tradicionais envolvidas com o extrativismo do cambuí (*Myrciaria spp.*) no bioma Caatinga e nas zonas adjacentes;
- Detectar as oportunidades da atividade extrativista do cambuí (*Myrciaria spp.*) no bioma Caatinga e nas zonas adjacentes;
- Organizar um banco de dados sobre a atividade extrativista do cambuí (*Myrciaria spp.*) no bioma Caatinga.

# Envaredando nos Cambuizais

---

*Os nossos frutos indígenas,  
São caju, maracujá,  
Mangaba, jaboticaba,  
Pitomba, oiti, araçá,  
O camboim, o pelucho,  
Oiti-coró e o ingá.*

*O Recife* por Leandro Barros (1908, p. 12).

## A ecologia do cambuí na Caatinga

O geógrafo Josué de Castro (1908-1973), ao descrever a fitogeografia do sertão, destaca a importância do cambuí para os povos sertanejos:

Tais são, em síntese rápida, as características da flora sertaneja na peneplanície cristalina e nos chapadões de pouca altitude. Nas montanhas mais altas, a maior pluviosidade e principalmente a estrutura diferente do solo dão origem a uma vegetação de aspecto mais doce, com tons do verde mais úmido e carregado. Vegetação higrófila, semelhante à das zonas do brejo. Nestas áreas, onde a altitude subverte o quadro climático-botânico da região, alteiam-se em capões outras espécies arbóreas, algumas delas frutíferas, como a mangaba, o araçá, e o cambuí - espécie de uva-silvestre -, constituindo verdadeiros oásis de alta significação na vida econômico-social do sertão semideserto (Josué de Castro em *Geografia da Fome*, 1946).

Cambuí é o termo tradicionalmente usado para nomear inúmeras espécies arbustivas da família *Myrtaceae*, especificamente do gênero *Myrciaria*. Lemos *et al.* (2018), já tão bem descreveu suas características que se optou por transcrevê-la na íntegra:

Planta de porte arbustivo a arbóreo, com altura variando de 3 a 16 m (Oliveira, 2013). O caule apresenta ritidoma, ou seja, a casca externa laminada desfolhante se desprendendo em placas irregulares e rígidas, deixando um aspecto liso, amarelado ou rosado. Os ramos, brotações e folhas são glabros ou com tricomas esparsos. Suas folhas (25-60 × 10-30 mm) são elípticas ou lanceoladas, cartáceas ou coriáceas, discoloras, com bordo não revoluto, com ápice longo-acuminado, às vezes acuminado, agudo ou atenuado e base cuneada ou decurrente, com nervura principal sulcada, plana ou saliente na face adaxial, nervuras secundárias evidentes em ambas as faces e nervura marginal 0,5-1mm do bordo, e pecíolos de 5-8 mm comprimento. As inflorescências em

fascículo, com até 6 flores, são axilares ou em nós afilos. As flores são sésseis com brácteas 0,5-1,2 × 0,5-1 mm, orbiculares ou ovadas e com bractéolas 0,6-2×0,8-2mm, ovadas, conadas na porção mediana em um lado e na base no outro. Botões florais (2–2,5 × 2,5–3 mm) são obcônicos a globosos, com cálice aberto não ocultando o globo petalífero e lobos calicinais ciliados. As flores são hermafroditas, tetrâmeras, com pétalas (1,5-2 × 0,8-2 mm) brancas, suborbiculares ou obovadas, esparso-pubérulas ou pubérulas em ambas as faces, com hipanto prolongado acima do ovário, estames até 5 mm de comprimento, estilete 4-8mm de comprimento, glabro ou pubérulo na base e ovário 2 ou 4 óvulos por lóculo. O fruto é uma baga, globosa, com até 13mm diâmetro, cor alaranjado a vermelho quando maduro, com casca bastante fina e a polpa envolvendo 1 a 2 sementes arredondadas ou reniforme, de coloração creme, com testa papirácea, embrião conferruminado (Souza; Morim, 2008; Lourenço; Barbosa, 2012; Oliveira, 2013; Sobral *et al.*, 2013). Lemos *et al.* (2018, p. 205-206)

Abaixo na Figura 1, vê-se parte das características descritas acima, em especial, o seu porte arbustivo, as flores e o fruto.

**Figura 1** – Aspectos naturais da planta do cambuí, Serra dos Paus Dóias-Exu-PE, 2022.



**Fonte:** Autores, 2023. A. Visão geral do cambuizeiro; B. Flor do cambuizeiro; C. Fruto do cambuizeiro.

Embora sejam classificadas de forma diferente pela Botânica (*Eugenia crenata*; *Eugenia floribunda*; *Eugenia tenella*; *Myrcia multiflora*; *Myrciaria cuspidata*; *Myrciaria floribunda*; *Myrciaria tenella*, *Myrciaria undulata*, etc.) e mesmo havendo sutis diferenças entre elas, todas são nomeadas por cambuí e suas variações, tais como: cambuim, camboim, camboí, cambri,



camburi, cambuí da caatinga, cambuí do campo, cambuí da praia, cambuí da serra, só para citar algumas.

O cambuizeiro é uma espécie com ampla distribuição por todo o bioma Caatinga, vive preferencialmente nos solos arenosos encontrados nas chapadas e tabuleiros sertanejos, bem como tabuleiros costeiros nas regiões onde a Caatinga se aproxima do litoral. Há registros em todas as regiões brasileiras, do extremo norte ao extremo sul, Lemos *et al.* (2018). Presente também em outros países da América do Sul, como o Paraguai, Argentina, Bolívia, Paraguai e o Peru. Segundo Latzino (1899) em seu Dicionário Geográfico Argentino. "*Cambuí é o nome Guarani para Eugenia vulgaris, uma pequena árvore das mirtáceas. Abunda em Corrientes, tem um tronco liso, ramificado e flores brancas*".

Para o bioma Caatinga, o registro botânico mais antigo de cambuí é de *Myrciaria tenella* que fora realizado na então Província do Ceará, por ocasião da Expedição da Comissão Científica do Império (1859-1861), este é de autoria do botânico Francisco Freire Alemão (1797-1874). Acompanhando o registro está uma bela ilustração botânica (Figura 2), de autoria do desenhista cearense José dos Reis Carvalho (1798-1892), este a ilustração compõe a Coleção de Obras Raras da Biblioteca Nacional.

**Figura 2** – Ilustração botânica do cambuí produzida durante a expedição da Comissão Científica do Império na Província do Ceará, realizada no período de 1859 – 1861.



**Fonte:** Carvalho, 1859-1861.

Na Caatinga, o cambuí se apresenta como um importante alimento para a fauna. No médio curso do rio Paraguaçu, entre os municípios de Itaetê e Rafael Jambreiro, vive uma rara espécie de peixe, o “peracuca” (*Kalyptodoras bahiensis*), segundo Santos *et al.* (2018), o peixe é endêmico e corre atualmente o risco de extinção, assim, reforça-se a necessidade de conservação da planta, já que é a base da sua alimentação. Outra espécie que corre o risco de extinção e também tem no cambuí sua base alimentar, é o macaco “guigó” (*Callicebus coimbra*), que de acordo com Baião (2013), habita uma restrita faixa entre os baixos cursos dos rios Itapicuru e São Francisco. Já na região da Chapada do Araripe, Silva (2013), observou o cambuí em meio ao conteúdo estomacal do lagarto “teiú/tejo” (*Tupinambis merianae*). E nos tabuleiros do litoral norte baiano, registros de PLAMA (2013) e Menezes *et al.* (2009), apontam o cambuí como espécie de grande importância local para as espécies frugívoras, em especial para a “raposa” (*Dusicyon thous*) e outros pequenos mamíferos. Em relação à interação da avifauna, Menezes (2018) registrou “casaca-de-couro” (*Pseudoseisura cristata*), “chocobarrada-do-nordeste” (*Thamnophilus capistratus*) e “chorozinho-de-papo-preto” (*Herpsilochmus pectoralis*), se alimentando de cambuí na Serra do Madeiro em Sergipe. Já Thela *et al.* (2015) e Azurit (2020), avistaram o Jacupemba (*Penelope superciliaris*), se alimentando de cambuí na Chapada do Araripe e na Chapada Diamantina, respectivamente.

A florada do cambuí é um fenômeno à parte, segundo Lermen e Girão (2016), nesse período, a planta fica coberta de pequenas flores brancas, exalam um perfume agradável, bastante atraente as abelhas. Na comunidade de Serra dos Paus Dóias, no topo da Chapada do Araripe, em Exu/Pernambuco, há um ditado popular que diz: “Onde tem urucu tem cambuí, e onde tem cambuí tem urucu”. Segundo Lermen (2016), a urucu-de-chão (*Melipona quinquefasciata*) é uma especial visitante do cambuizeiro, como a florada deste se dá no verão, e sendo sua flor rica em pólen, ela é o principal alimento para a abelha, que por sua vez é a principal polinizadora da planta, tornando-as espécies vitais uma para a outra.

A floração do cambuizeiro varia muito conforme o microclima local, ocorrendo variações conforme o período chuvoso, assim, a floração e consequente frutificação desloca-se conforme os índices pluviométricos, segundo Marôpo (2013). Nos vários territórios, os grupos extrativistas concordam quanto à irregularidade no período de floração e frutificação do cambuizeiro, a época de safra é tão irregular quanto o período de chuva no semiárido nordestino. Na comunidade da Serra dos Paus Dóias, no município de Exu/Pernambuco, há casos em que plantas florescem e frutificam duas vezes em um único ano, assim como também há casos de plantas passarem um ano ou mais sem florar, isso ocorre em períodos mais secos, com grande irregularidade de chuvas, ou secas cíclicas como a de 2012 a 2017. Já na Chapada Diamantina, segundo a população local, o cambuizeiro só frutifica a cada sete anos, Assis *et al.* (2016).

O seu fruto (Figura 3), segundo Lermen e Girão (2016) é bastante apreciado, apresenta variações entre amarelo, laranja, vermelho e roxo escuro. A polpa possui sabor doce-acidulado, levemente adstringente e apresenta rica composição de vitamina C e antioxidantes (antocianinas e polifenóis) com capacidade anti-inflamatória, sendo também uma rica fonte de vitaminas e minerais.



**Figura 3** – Cambuizeiro em plena frutificação, Serra dos Paus Dóias-Exu-PE, 2023.

**Fonte:** Autores, 2023.

Na atualidade, a partir do processamento do fruto do cambuí tem sido possível obter uma grande variedade de produtos tais como: aguardente curtida com a fruta, aguardente destilada da fruta, cerveja, conserva, chás, biscoito, doce, farinha, garrafadas, geleia, iogurte, licor, óleo essencial, picolé, suco, sorvete, vinagre, vinho dentre outros. Mas é sempre oportuno lembrar que o consumo do cambuí remonta aos povos originários.

O primeiro registro para o cambuí associado aos povos nativos da Caatinga, pode ser atribuído ao Frei António do Rosário (1647-1704). Rosário era missionário da Província Capucha de Santo Antônio do Brasil, sediada em Salvador/Bahia. Sabe-se que por anos ele realizou uma jornada missionária por várias aldeias dispersas no sertão baiano que estavam sob a jurisdição do Convento da Bahia, Ferreira (2021). Em seu livro *Frutas do Brasil*, Rosário (1702), faz uma singela descrição sobre o fruto "*Os cambois são como uvas, uns pretos, outros vermelhos*".

Há outro registro foi realizado junto ao Povo Kiriri, na antiga Aldeia Natuba, atual município de Nova Soure/Bahia, por coincidência segundo dados do IBGE o município é o maior produtor de cambuí do país (IBGE, 2023). Em 1759, José Ribeiro de Gomes, então juiz da Vila de Cachoeira, foi designado para transformar a Aldeia Natuba na futura Vila de Soure, na ocasião, ao descrever sobre a base alimentar do Povo Kiriri, é listado o cambuí.

Quem também evidenciou a presença do fruto entre os indígenas foi o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, em seu clássico artigo intitulado "*O uso de plantas silvestres na América do Sul tropical*", Lévi-Strauss (1950)", este registra a importância dada ao cambuí pelos povos indígenas da Caatinga, sendo a safra do fruto motivo gerador de grandes deslocamentos por parte dos indígenas.



A mangaba (*Hancornia speciosa*) é uma fruta tão importante para as tribos da Caatinga, que quando está na época, os indígenas realizam longas expedições com o único propósito de coletá-la. De igual importância são as frutas dos diversos tipos de *Psidium* (*P. turbiniflorum* (araçá), *P. guayava* (goiaba), *P. variabile* (araçá-rosa), assim como outros tipos de *Myrtaceae*, tais como o cambuí e o puçá (*Mouriria pusa*), árvores bastante comuns no leste do Brasil (Lévi-Strauss, 1950, p. 481).

Como se observa acima, o cambuí vem desde sempre sendo valorizado pelos povos ancestrais, mas paradoxalmente, ela foi recentemente reconhecida como umas das “*Plantas para o Futuro*”.

Durante o período de 2005-2017, um grupo de especialistas formado por produtora(e)s rurais, empresária(o)s, estudantes e pesquisadora(e)s de várias instituições científicas públicas e privadas de todo o Brasil, reuniram-se em torno Projeto “Identificação de Espécies da Flora Brasileira de Valor Econômico Atual e Potencial, de Uso Local e Regional - Plantas para o Futuro”, Lemos (2018). O projeto sistematizou informações sobre o uso de plantas nativas e suas potencialidades econômicas em todas as regiões do país. Para a região Nordeste do Brasil foram listadas cerca de 15 espécies frutíferas rústicas que por meio da oferta de produtos fáceis e naturais, contribuem para a diversidade alimentar, bem como melhora a renda das populações e ainda conservam o meio ambiente. Entre as espécies listadas como “Plantas para o Futuro”, encontra-se justamente o cambuí.

Portanto, se é o cambuí uma planta ancestralmente valorizada pelos povos originários, e também é reconhecida pelos cientistas como uma planta para o futuro, corrobora com o escritor indígena Aílton Krenak, quando diz que “o futuro é ancestral”, Krenak (2020).

## **A economia do cambuí na Caatinga**

O primeiro registro onde o cambuí é tratado como produto, se dá em território pernambucano, e é atribuído aos naturalistas holandeses Guilherme Piso (1611–1678) e Georg Marcgrave (1610–1644):

Nas terras mais férteis da Prefeitura pernambucana ao redor de Olinda travei conhecimento com duas espécies de arbúsculos chamados “cambuí”. Eles merecem o nome de *Myrtus silvestris*, devido à fragrância e adstringência das suas folhas, flores e frutos. O primeiro é arbórescente, assemelhando-se à “cerejeira preta” a julgar de todos os caracteres externos, no que toca o lenho, os ramos, folhas e flores, não só possuem aroma excelente, como ainda os frutos negros são de tal modo saborosos, acompanhados de uma adstringência agradável apetecidos ao mesmo tempo, por todos os habitantes e expostos à venda (Piso (1648) *apud* Pickel (2008, p. 174).

Não bastando, eles ainda registraram a notável fabricação de vinho de cambuí, “(...) *há uma espécie que existe nas matas do povoado de Tabuçurama que tem frutos diferentes, usados para fabricar vinho delicado e doce*” (Piso e Marcgrave (1648) *apud* Pickel (2008). Essa região hoje compreende o atual município de Igarassu/PE.

Mais de um século depois, o botânico paraibano radicado em Pernambuco, Manuel Arruda da Câmara (1752–1810), ao dissertar sobre a fabricação de vinagre de mangaba, nos aponta o cambuí como também sendo dotado desta propriedade. Em 2006, o cambuí foi objeto de uma pesquisa financiada pelo Banco do Nordeste do Brasil - BNB e conduzida pela Associação Cristã de Base – ACB, por meio do estudo intitulado Estudo mercadológico com espécies

florestais de importância econômica da Chapada do Araripe: janaguba (*Himatanthus drasticus*), mangaba (*Hancornia speciosa*) e cambuí (*Myrciaria tenella* (DC) O. Berg.) (ACB, 2006). Anos mais tarde, Gama *et al.* (2017), analisaram a geração de renda e o extrativismo da espécie nos municípios de Ribeira do Amparo e Ribeira do Pombal, ambos localizados no Estado da Bahia, mais precisamente na bioregião do Raso da Catarina.

Em pesquisa realizada junto a agricultores familiares em Exu, município do semiárido pernambucano, em 2014, através do “Projeto Terra da Gente”, constatou que 94 % da renda de uma das famílias investigadas era obtida através do agroextrativismo, sendo 79 % advindo do beneficiamento de frutas nativas e cultivadas, 15 % era da venda *in natura*, vale ressaltar que dentre as frutas está o cambuí, segundo CETRA (2014) e Lermen *et al.* (2023).

Em 2021 é publicada a Portaria Interministerial do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento / Ministério do Meio Ambiente n.º 10, de 21 de julho, que institui a lista de espécies nativas da sociobiodiversidade de valor alimentício, para fins de comercialização *in natura* ou de seus produtos derivados, entre as espécies consta o cambuí, no entanto, ainda a sua comercialização ainda é bastante limitada, restringindo quase sempre as feiras livres (Figura 4) dos municípios onde o fruto abunda.

**Figura 4** – Cambuí sendo comercializado na feira livre de Buíque/Pernambuco, 2019.



**Fonte:** Pelas Panelas do Mundo, 2019.

Em 2022, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2023), o extrativismo do cambuí no bioma Caatinga gerou um valor de R\$ 858.738,40 (oitocentos e cinquenta e oito mil setecentos e trinta e oito reais e quarenta centavos), e um volume de 135.684 (cento e trinta e cinco mil seiscentos e oitenta e quatro quilos), distribuídos em

municípios do Baixo São Francisco (Feliz Deserto e Piaçabuçu/Alagoas), Chapada Diamantina (Andaraí, Iraquara, Morro do Chapéu, Palmeiras e Souto Soares/Bahia), Chapada do Araripe (Crato e Santana do Cariri/Ceará e Exu/Pernambuco), Raso da Catarina (Ribeira do Pombal/Bahia), Serra da Ibiapaba (São Benedito, Ubajara e Tianguá/Ceará) e Vale do Itapicuru (Itapicuru e Nova Soure/Bahia).

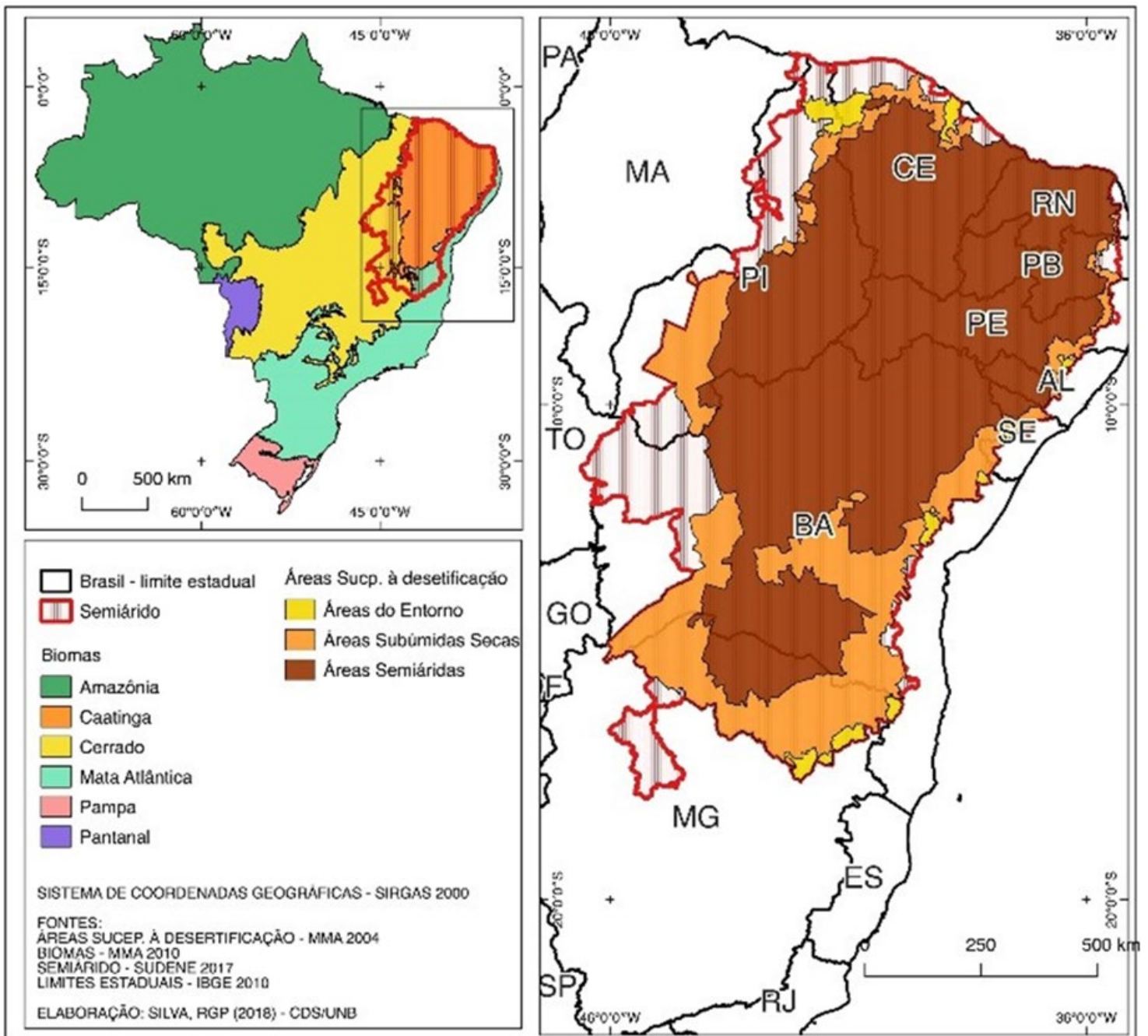
Os volumes de produção e os valores auferidos por pesquisas de órgãos públicos federais a exemplo do IBGE, contribuem com estatísticas que incentivam a preservação, conservação e multiplicação da espécie. Demonstra também sua importância e valorização enquanto fruto nativo para os diferentes e diversos mercados existentes, desde o local até o nível regional, em especial no Nordeste. Além da variabilidade de usos alimentares, medicinais, paisagísticos, melíferos, entre outros.



# CAATINGA

A pesquisa abrangeu todo o território que compreende a Caatinga e suas zonas adjacentes (Figura 5), o referido bioma encontra-se quase que completamente dentro da região Nordeste do Brasil, adentrando um pequeno trecho no estado de Minas Gerais (Região Sudeste). Sua ocorrência se dá em diferentes ambientes no semiárido brasileiro, sobretudo, na depressão sertaneja, e em parte das chapadas, bacias sedimentares, planaltos, superfícies cársticas, tabuleiros e várzeas, conforme descrito por Araújo Filho (2011).

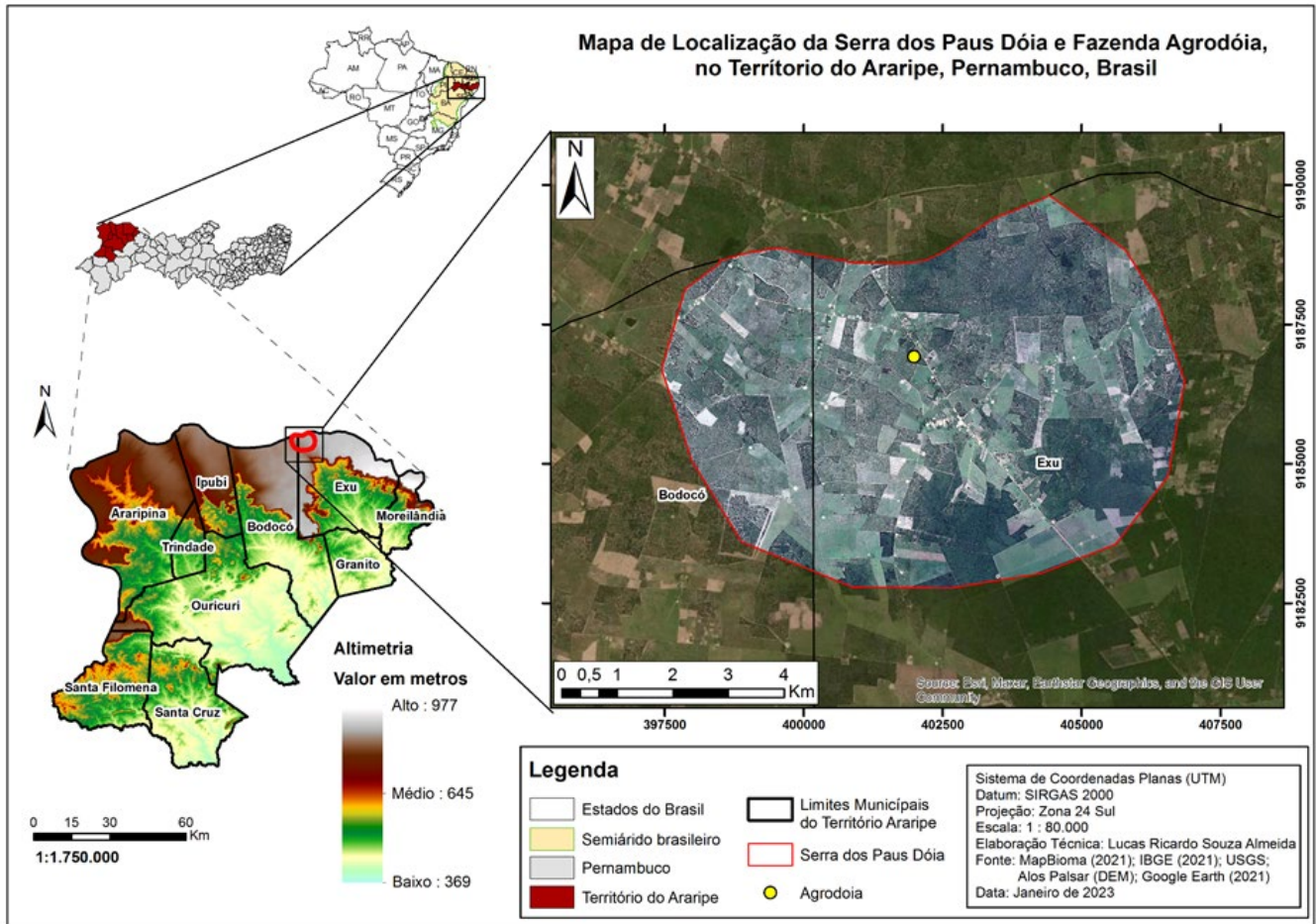
**Figura 5** – Área de ocorrência do bioma Caatinga e zonas adjacentes.



Fonte: Odyssea (2019).

De modo especial, a pesquisa foi realizada junto a Associação dos(as) Agricultores(as) Familiares da Serra dos Paus Dóias (AGRODÓIA), localizada na Chapada do Araripe, distrito de Tabocas, zona rural de Exu/Pernambuco (Figura 6).

**Figura 6** – Localização geográfica da comunidade Serra dos Paus Dóias/Exu/Pernambuco.



**Fonte:** Cedido por AGRODÓIA (2023).

Na comunidade da Serra dos Paus Dóias em Exu-PE e nas áreas de ocorrência de cambuí na Chapada do Araripe, segundo relato das famílias agricultoras, nos anos em que ocorre seca prolongadas ou temperaturas muito altas no período de agosto a dezembro, período da estiagem (verão) na região, e sem a ocorrência de chuvas sazonais neste intervalo de tempo, ocorrem abortamentos e perdas significativas na produção da fruta. Limitando ainda a produção de florada abundante, fundamental para os polinizadores quando período de seca, em especial para as abelhas.

Outra observação realizada é que as plantas que estão dentro dos roçados das famílias agricultoras e essas áreas são anualmente cultivadas, adubadas e manejadas com consórcios diversificados, observou-se que a produtividade é sempre maior do que nas plantas nativas nas capoeiras, matas e pastagens da região.

Quanto ao cultivo em forma de monocultura ainda não existem relatos dessa prática. E nem de uso da irrigação de forma sistemática para testar a viabilidade das espécies de cambuí associadas a essa técnica. O que existe são os benefícios de uma molhação ou irrigação de salvamento de outras espécies, e por proximidade e capilaridade, ela se beneficia dessa água disponível, nos períodos críticos na estação seca. Algumas famílias manejam com podas de formação, limpeza e de condução visando melhorar o aspecto das plantas e o aumento da produtividade dos frutos. Quanto a pragas e doenças, são registrados o ataque de formigas

saúvas (*Atta sexdens rubropilosa*), dos besouros serra pau (*Cerambycidae*), uma família muito vasta, que corta os galhos do cambuzeiro, e as espécies de erva de passarinho, que são hemiparasitas das famílias *Loranthaceae* e *Santalaceae*, que parasitam galhos em algumas plantas, podendo chegar a matar as mesmas.



Carapeba na cachaça de cambuí. (FIDA, 2018)



# Mapeando a ocorrência de cambuí (*Myrciaria spp.*) no bioma Caatinga e zonas adjacentes.

Foi realizada a identificação de 262 municípios no bioma Caatinga e nas zonas adjacentes que registram ocorrência natural de cambuí (*Myrciaria spp.*) em seus territórios.

No Estado de Alagoas, os registros se concentram em municípios localizados em áreas de formação sedimentar, principalmente nos Tabuleiros Costeiros e na Baixada Litorânea, há um único registro para a Depressão Sertaneja, sendo no município de Quebrangulo. As plantas de cambuí estão assentadas sobretudo em áreas com solo arenoso, indo desde o baixo curso do rio São Francisco até o Agreste, passando pela região Serrana dos Quilombos. Embora nenhum dos registros tenha dados de altitude, sabe-se que são municípios que variam de 6 a 366 m acima do nível do mar, em geral, são estas as condições de ocorrência natural do cambuí em Alagoas.

Naturalmente, sendo o Estado da Bahia o maior em extensão dentro do bioma Caatinga, é normal que concentre o maior número de registros do cambuí. Estes se encontram especialmente, mas não somente em municípios localizados em áreas de formação sedimentar, principalmente nos carrascos que recobrem as elevações que compõem o Complexo da Diamantina, dentre as quais estão as Serras: das Almas, do Assuruá, do Barbado, da Carnaíba, da Jacobina, de São Francisco, do Sincorá, do Tombador, bem como a própria Chapada Diamantina, dentre outras. Outras regiões recorrentes são: o Agreste, o Planalto de Conquista, a Serra da Jiboia, a Serra do Orobó, o Raso da Catarina, o Vale do Itapicuru e os Tabuleiros Costeiros por todo o litoral norte. Estes estão assentados sobretudo em solo arenoso, sílico-argiloso, também há registro em solo argiloso com rocha aflorada, sobre diretamente a rocha, e até mesmo em área sujeita a inundação. Acerca da altitude, variam de 6 a 1.444 m acima do nível do mar, indo desde as restingas no baixo curso dos rios Itapicuru e Real, até os Campos Rupestres no alto das chapadas sertanejas, passando por toda uma diversidade de formações, Tabuleiros Costeiros, Matas de Galeria, Brejos de Altitude, Mata de Cipó, dentre outras, em geral, são estas as condições de ocorrência natural do cambuí na Bahia.

No Estado do Ceará, os registros se concentram em municípios localizados em áreas de formação sedimentar, principalmente nos Tabuleiros Costeiros e Sertanejos. As plantas de cambuí estão assentadas sobretudo em áreas com solo arenoso, no entanto, há registro para solos sujeitos à inundação, pedregosos, húmidos, areno-argilosos, e até rochosos. Acerca da altitude, variam de 15 a 990 m acima do nível do mar, indo desde as caatingas litorâneas sobre as falésias, até os carrascos da Chapada do Araripe e da Serra da Ibiapaba, passando pelo Maciço do Baturité, em geral, são estas as condições de ocorrência natural do cambuí no Ceará.

Pesquisando o Estado do Maranhão, os registros se concentram em municípios localizados em áreas de formação sedimentar, principalmente nos Tabuleiros Costeiros e sub litorâneos. As plantas de cambuí estão assentadas sobretudo em áreas com solo arenoso, mas há registro para solos argilosos com cascalho, pedra, serrapilheira e até pedregosos. Acerca da altitude,



variam de 19 a 175 m acima do nível do mar, indo desde as restingas litorâneas sobre dunas no Delta do Parnaíba, até os carrascos da Chapada das Mesas, passando pelos Lençóis Maranhenses, em geral, são estas as condições de ocorrência natural do cambuí no Maranhão.

Já no Estado de Minas Gerais, os registros se concentram em municípios localizados em áreas de formação sedimentar, principalmente em áreas que compõem a Cadeia do Espinhaço. As plantas de cambuí estão assentadas sobretudo em áreas com solo arenoso, mas há registro para solos hidromórficos e até mesmo diretamente sobre a rocha. Acerca da altitude, variam de 497 a 1.305 m acima do nível do mar, indo desde os campos rupestres da Serra do Espinhaço, até os carrascos da Chapada das Mesas, passando pela região da Mata Seca, em geral, são estas as condições de ocorrência natural do cambuí em Minas Gerais.

Estudando o Estado da Paraíba, os registros se concentram em municípios localizados em áreas de formação sedimentar, principalmente nos Tabuleiros Costeiros, bem como na formação cristalina do Planalto da Borborema. As plantas de cambuí estão assentadas sobretudo em áreas com solo arenoso, também há registro para solos argilosos e até diretamente sobre a formação de micaxisto. Acerca da altitude, variam de 14 a 1.197 m acima do nível do mar, indo desde as restingas que recobrem as falésias costeiras no extremo leste, até a Serra do Teixeira no extremo oeste, passando pelo Sertão do Seridó, em geral, são estas as condições de ocorrência natural do cambuí na Paraíba.

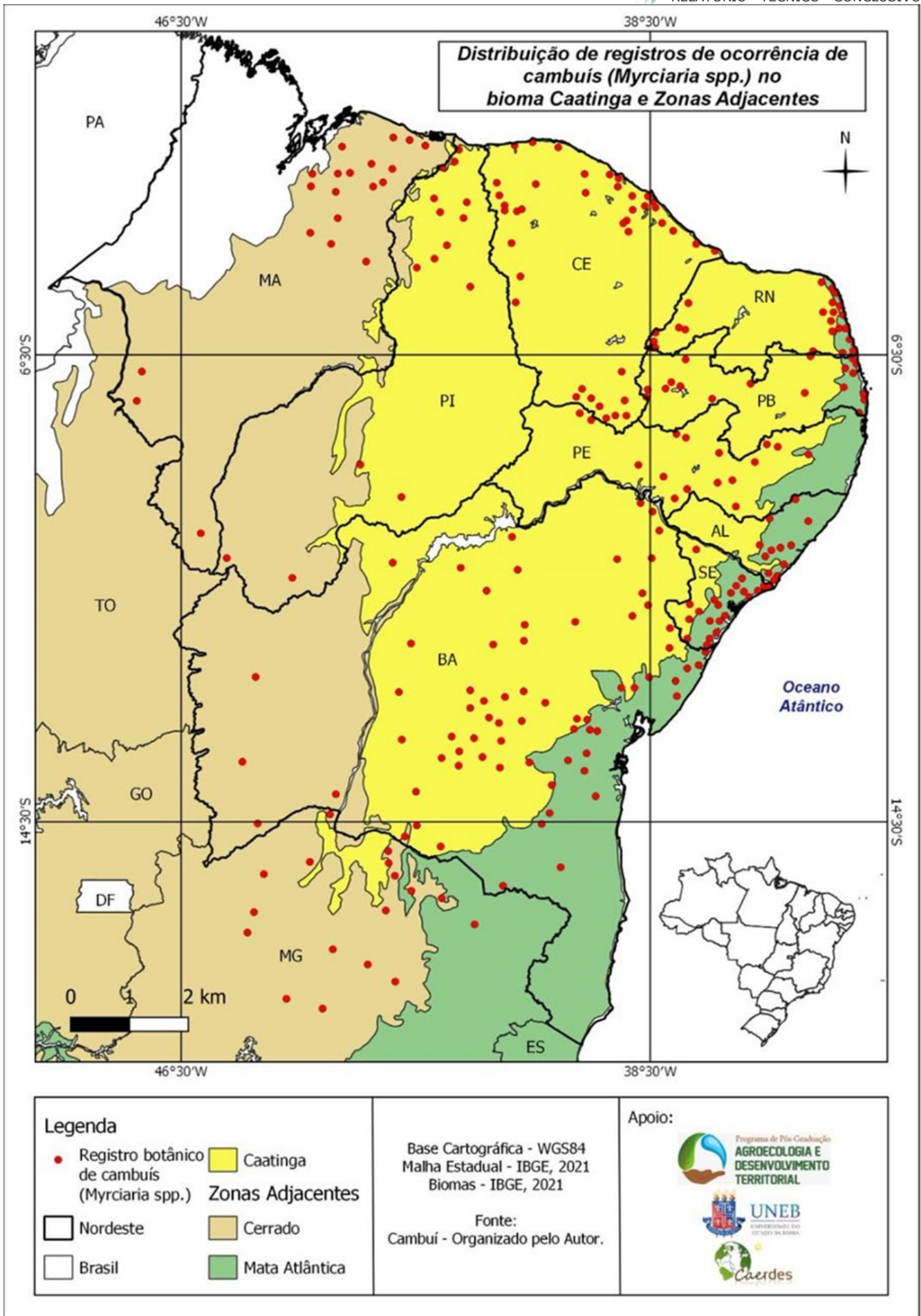
No Estado de Pernambuco, os registros se concentram em municípios localizados em áreas de formação sedimentar, presentes nas chapadas sertanejas, bem como na formação cristalina do Planalto da Borborema. As plantas de cambuí estão assentadas em áreas com solo arenoso, argiloso e sobre afloramento rochoso. Acerca da altitude, variam de 565 a 1.152 m acima do nível do mar, presentes especialmente na Chapada do Araripe, no Vale do Catimbau, e nas serras: do Arapuá, da Baixa Verde, da Carnaíba, Negra, Ororubá e de Tacaratu, em geral, são estas as condições de ocorrência natural do cambuí em Pernambuco.

Pesquisando o Estado do Piauí, os registros se concentram em municípios localizados em áreas de formação sedimentar, presentes nos Tabuleiros Costeiros e nas chapadas sertanejas. As plantas de cambuí estão assentadas em áreas com solo arenoso, areno-pedregoso, argilo-arenoso e pedregoso. Acerca da altitude, variam de 5 a 400 m acima do nível do mar, presentes especialmente no Delta do Parnaíba, na Serra da Capivara, e em Sete Cidades, em geral, são estas as condições de ocorrência natural do cambuí no Piauí. Acreditamos que na porção piauiense da Chapada do Araripe também ocorra a espécie, como já catalogada em Pernambuco e no Ceará.

No Estado do Rio Grande do Norte, os registros se concentram em municípios localizados em áreas de formação sedimentar, principalmente nos Tabuleiros Costeiros, bem como na formação cristalina do Planalto da Borborema. As plantas de cambuí estão assentadas sobretudo em áreas com solo arenoso, areno-argiloso, argiloso com arenito aflorado e com volumes de serrapilheira. Acerca da altitude, variam de 7 a 750 m acima do nível do mar, indo desde as caatingas litorâneas sobre as falésias, até os brejos de altitude das serras de São Miguel e de Martins, passando pelo Sertão do Seridó, em geral, são estas as condições de ocorrência natural do cambuí no Rio Grande do Norte.

Em Sergipe, menor Estado em extensão pesquisado, os registros se concentram em municípios localizados em áreas de formação sedimentar, presentes nos Tabuleiros Costeiros e na Baixada Litorânea, bem como em alguns tabuleiros sertanejos. As plantas de cambuí estão

assentadas em áreas com solo arenoso e areno-argiloso. Acerca da altitude, variam de 7 a 647 m acima do nível do mar, presentes especialmente nas restingas do baixo curso do rio São Francisco e do Vale do Cotinguiba e nas serras de Itabaiana e da Guia, em geral, são estas as condições de ocorrência natural do cambuí em Sergipe.



Fonte: Campos, 2023.

É possível ver o quanto é ampla sua distribuição, desde o limite sul, na mata seca no norte de Minas Gerais, até o limite norte, onde a Caatinga vai ao encontro do mar sobre as dunas e falésias do Ceará e do Rio Grande do Norte. Mas, a sua abundância se dá nos tabuleiros sertanejos da Chapada do Araripe, Chapada Diamantina, Serra da Ibiapaba, Raso da Catarina, Vale do Catimbau e Vale do Itapicuru, bem como nos tabuleiros costeiros do baixo São Francisco, Delta do Parnaíba, Litoral norte baiano, litoral norte potiguar e todo o litoral de Sergipe.

# Mesa redonda 5

03  
DE JUNHO  
às 19:00

Usos e costumes de frutos nativos pelos povos indígenas do semiárido : O caso do Cambuí.

transmissão via:

 @semacoensis  
 SEMACO\_EnSIS

## Participantes:



Ronaldo Kapinawa

Museu Indígena Kapinawá  
Buique - Vale do Catimbau - Pernambuco



Otto Payaya

Movimento Associativo Indígena Payayá (MAIP)  
Utinga - Chapada Diamantina - Bahia

## Mediação:



Paulo Campos / PPGADT

Doutorando em  
Agroecologia/UNEB.



Adelson Kaimbé

Relações Internacionais / UNILAB  
Euclides da Cunha - Raso da Catarina - Bahia



Edilza Kiriri

ACIKSAM / Banzãe  
Raso da Catarina - Bahia

Inscrições:  
[www.semacoensis.com.br](http://www.semacoensis.com.br)







Torta de mangaba com geléia de cambuí . (FIDA, 2018)

## Inventariando a organização social do extrativismo do cambuí (*Myrciaria spp.*) no bioma Caatinga e nas zonas adjacentes.

Foram identificadas experiências de manejo do cambuí protagonizadas por comunidades: indígenas, quilombolas, extrativistas, geraizeiras, pescadoras, de fundo de pasto, catadoras de mangaba e assentados de reforma agrária, que interagem com o cambuí distribuídas por todo o território do bioma Caatinga e suas zonas adjacentes. Verificaram-se comunidades extrativistas associadas a 4 Unidades de Conservação, principalmente nos Estados do Ceará e Pernambuco, no trecho que compreende a Área de Proteção Ambiental da Chapada do Araripe. Há ocorrência de relações agroextrativistas por todo o bioma Caatinga, desde seu limite norte, ocasião em que se encontra com o Oceano Atlântico nos tabuleiros costeiros dos Estados do Ceará e Rio Grande do Norte, até o limite sul, nos carrascos de transição para o Cerrado já no Estado de Minas Gerais. A predominância é no Estado da Bahia, e não foram encontrados registros para os Estados do Maranhão e Piauí, porém, sabe-se da ocorrência da espécie em ambos. As principais regiões onde se assentam estes grupos são: o Baixo São Francisco, Chapada do Araripe, Chapada Diamantina, Serra da Ibiapaba, Raso da Catarina, Tabuleiros Costeiros, Vale do Catimbau e Vale do Itapicuru.

Os dados coletados foram organizados no Quadro 1, destacando principalmente as informações sobre o segmento populacional, a etnia e/ou grupo, o uso associado, a localidade, o município e a respectiva unidade da Federação, e pôr fim à fonte do registro da informação.

**Quadro 1** - Organização social do extrativismo do cambuí (*Myrciaria spp.*) na Caatinga e zonas adjacentes.

Segmento	N.	Etnia/Grupo	Uso	Localidade/Município/UF	Fonte
Povo Indígena	01	Kiriri	Alimento / Medicina / Comércio	Terra Indígena Kiriri / Banzaê; Quijingue; Ribeira do Pombal / Bahia	Slow Food, 2019.
	02	Kaimbé	Alimento / Medicina	Terra Indígena Massacará / Euclides da Cunha / Bahia	EBDA, 2012b.
	03	Pankararé	Alimento	Terra Indígena Pankararé / Glória / Bahia	Colaço, 2006.
	04	Payayá	Alimento / Medicina / Cerveja	Aldeia Cabeceira do Rio / Utinga / Bahia	SDR, 2018.
	05	Tapuya-Kariri	Alimento / Aguardente / Madeira / Combustível	Aldeia Gameleira / Carnaubal; São Benedito / Ceará	Feitosa, 2018.
	06	Kapinawá	Alimento / Aguardente / Medicina / Comércio	Terra Indígena Kapinawá / Buíque; Ibimirim; Tupanatinga / Pernambuco	Professores e Professoras Kapinawá, 2016.
	07	Xukuru	Alimento / Licor	Terra Indígena Xukuru / Pesqueira; Poção / Pernambuco	Silva e Andrade, 2004.

	08	Potiguara	Madeira	Comunidade Indígena Catú dos Eleutérios / Canguretama; Goianinha / Rio Grande do Norte	Bezerra, 2021.
	09	Tapuia	Alimento	Comunidade Indígena Lagoa do Tapará / Macaíba; São Gonçalo do Amarante / Rio Grande do Norte	Moura, 2019.
Comunidade Quilombola	10	Paus Altos	Alimento / Licor	Povoado de Paus Altos / Antônio Cardoso / Bahia	Santos, 2017.
	11	Baixa dos Quelés	Alimento / Veterinário / Madeira / Combustível	Povoado Baixa dos Quelés / Jeremoabo / Bahia	Almeida, 2011.
	12	Casinhas	Alimento / Medicina / Combustível	Povoado de Casinhas / Jeremoabo / Bahia	Almeida, 2011.
	13	Mulatos	Alimento / Vinho	Serra da Boca da Mata / Jardim / Ceará	Quilombo Mulatos, 2022.
	14	Brejão; Carapitanga; Santa Cruz; Saramem Resina	Alimento / Aguardente / Licor / Comércio	Território Quilombola Brejão dos Negros / Brejo Grande / Sergipe	Andrade <i>et al.</i> , 2016 / Brejão dos Negros, 2017 / Silva e Menezes, 2021.
Comunidade Extrativista	15	Populações na Área de Proteção Ambiental de Piaçabuçu	Alimento / Licor / Comércio	Baixo São Francisco / Feliz Deserto; Piaçabuçu / Alagoas	ICMBio, 2010 / IBGE, 2023.
	16	Cooperativa Ecoagroextrativista Aroeira de Piaçabuçu - COOPEARP	Alimento / Aguardente / Licor / Comércio	Baixo São Francisco / Penedo; Piaçabuçu (sede) / Alagoas - Neópolis; Santana de São Francisco / Sergipe	Pereira, 2020.
	17	Populações no Complexo da Diamantina	Alimento / Aguardente / Medicina / Licor / Vinho / Comércio	Chapada Diamantina / Andaraí; Campo Formoso; Gentio do Ouro; Jaguarari; Jacobina; Ibicoara; Iraquara; Itaetê; Lençóis; Morro do Chapéu; Mucugê; Mulungu do Morro; Palmeiras; Seabra; Souto Soares / Bahia	Moura, 2002 / ICMBio, 2007 / Biasoto <i>et al.</i> , 2011 / Silva e Saraiva, 2015 / Assis <i>et al.</i> , 2016 / Rodrigues, 2017 / Lessa e Pontes, 2018 / Rybka, <i>et al.</i> , 2018 / Santo e Lorenzo, 2018 / IBGE, 2023.
	18	Populações no Raso da Catarina e Vale do Itapicuru	Alimento / Aguardente / Cerveja / Licor / Vinho / Comércio	Raso da Catarina-Vale do Itapicuru / Banzaê; Crisópolis; Cipó; Euclides da Cunha; Inhambupe; Itapicuru; Nova Soure; Ribeira do Amparo; Ribeira do Pombal; Tucano / Bahia	EBDA, 2012a; 2012b; 2013 / Alves, 2014 / Gama, <i>et</i>

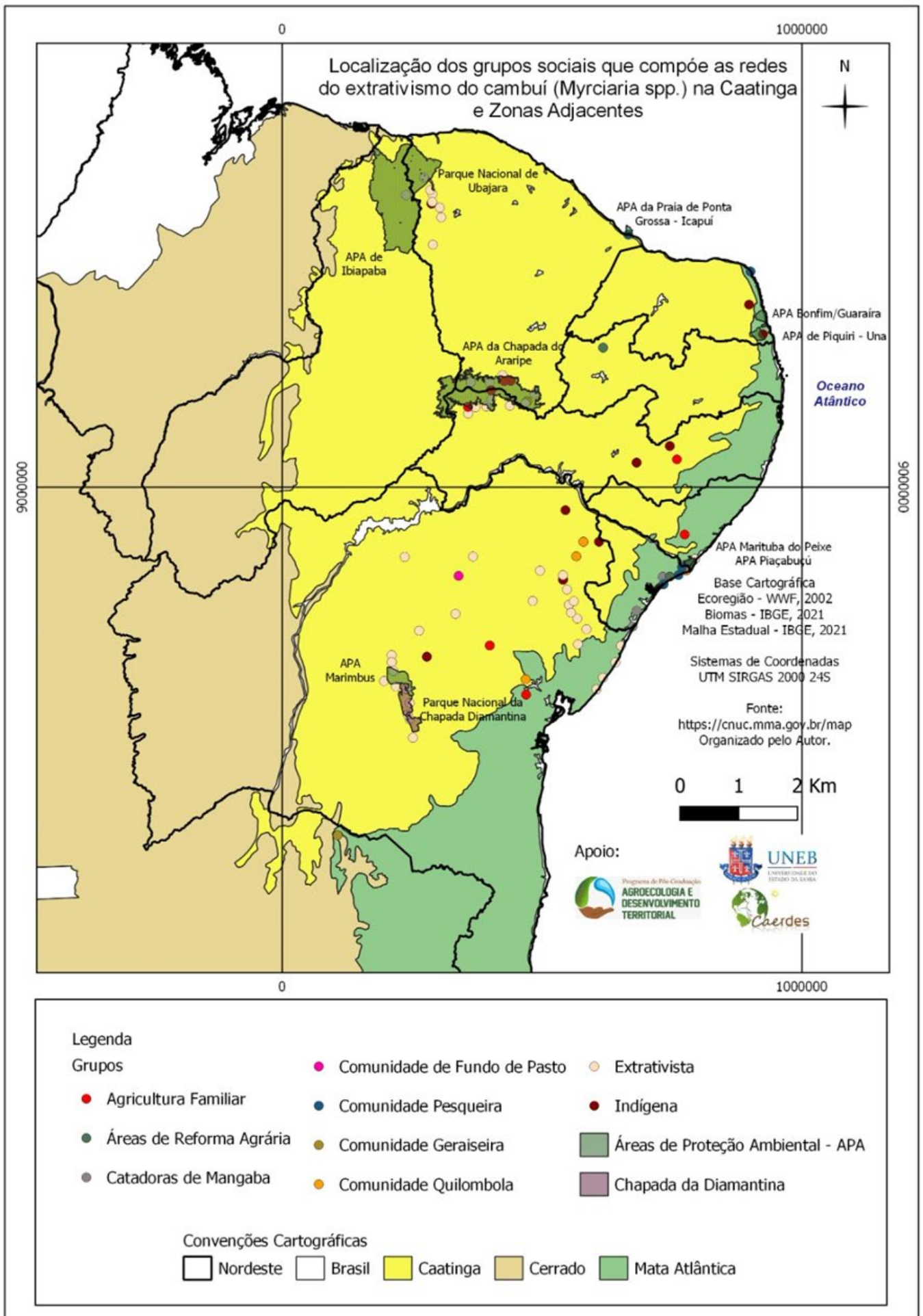


					<i>al.</i> , 2017 / IBGE, 2023 / Abelha, 2019.
	19	Comunidades nos tabuleiros do litoral norte baiano	Alimento / Bebidas / Licor / Comércio	Litoral Norte / Conde; Esplanada; Entre Rios; Mata de São João / Bahia	PLAMA, 2011 / TripAdvisor, 2017.
	20	Populações na Área de Proteção Ambiental do Araripe	Alimento / Aguardente / Licor / Medicinal/ Sabonete / Vinagre / Vinho / Madeira / Comércio / Lenha e carvão	Chapada do Araripe / Araripe; Barbalha; Crato; Jardim; Missão Velha; Nova Olinda; Santana do Cariri / Ceará - Bodocó; Exu; Ipubi; Moreilândia; Trindade - Pernambuco	ACB, 2006 / CONTAG, 2011 / Rocha <i>et al.</i> , 2012 / IBGE, 2014; 2023 / Silva e Marinho, 2013 / Souza <i>et al.</i> , 2016 / ICMBio, 2019; 2020.
	21	Populações na Serra da Ibiapaba	Alimento / Aguardente / Licor / Comércio	Serra da Ibiapaba / Guaraciaba do Norte; Ibiapina; Ipu; Poranga; São Benedito; Tianguá; Ubajara / Ceará - São João da Fronteira/Piauí	ICMBio, 2002 / Mesquita, 2015 / IBGE, 2023 / Dados da pesquisa, 2023.
Comunidade Geraizeira	22	Pau D'Arco	Alimento	Povoado Pau D'arco / Montezuma / Minas Gerais	Chiles, 2018
Catadoras de Mangaba	23	Associação das Catadoras de Mangaba e Indiaroba - ASCAMAI	Alimento / Licor / Comércio	Tabuleiros Litorâneos / Estância; Indiaroba; Itaporanga D'ajuda; Japarutuba	/ Oliveira <i>et al.</i> , 2017 / Santos, <i>et al.</i> , 2018 / Oliveira <i>et al.</i> , 2018 / Acciole, 2021.
Agricultura Familiar	24	Povoado Olho D'água	Alimento	Agreste / Junqueiro / Alagoas	Santos, 2008
	25	Cooperativa Ser do Sertão - COPSERTÃO	Alimento / Aguardente/ Medicinal	Sertão do Jacuípe / Capela do Alto Alegre; Ipirá; Mairi; Pé de Serra; Pintadas (sede); Riachão do Jacuípe; Várzea do Poço / Bahia	Padovesi <i>et al.</i> , 2018.
	26	Associação dos/as Agricultores/as Familiares da Serra dos Paus Dóias - AGRODÓIA	Alimento / Aguardente / Licor / Óleo essencial / Vinho / Vinagre / Comércio	Serra dos Paus Dóias / Exu / Pernambuco	Silva <i>et al.</i> , 2015/ Lermen, <i>et al.</i> , 2021 / Lermen, 2023.
	27	Grupo de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sítio Baixa	Alimento / Licor	Sítio Baixa / Trindade / Pernambuco	CONTAG, 2011.
	28	Sítio Marimbas	Alimento	Sítio Marimbas / Pesqueira / Pernambuco	Nascimento <i>et al.</i> , 2018.

	29	Comunidade da Barra	Alimento	Vale do Paraguaçu / Castro Alves / Bahia	Barreto e Neves, 2016.
	30	Associação das Trabalhadoras Rurais na Agricultura Familiar	Alimento / Comércio	Fazendola Sagrada Família / Chapada do Araripe / Crato / Ceará	Jornal do Cariri, 2012.
	31	Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Sítio Serra do Catolé	Alimento / Comércio	Chapada do Araripe / Nova Olinda / Ceará	ICMBio, 2019.
Comunidade Pesqueira	32	Ponta Grossa	Alimento	Tabuleiro costeiro / Icapuí / Ceará	Lima e Silva, 2017.
	33	Rio do Fogo	Alimento / Medicina	Tabuleiro costeiro / Rio do Fogo / Rio Grande do Norte	Leal, 2008.
	34	Aroeira	Alimento / Aguardente / Medicina / Comércio	Baixo São Francisco / Ilha das Flores / Sergipe	Naziano, 2020.
	35	Ponta dos Mangues-Juça	Alimento	Baixo São Francisco / Pacatuba / Sergipe	Barreto, 2018.
	36	Populações dos tabuleiros litorâneos de Pirambu	Alimento / Licor / Comércio	Tabuleiros Litorâneos / Pirambu / Sergipe	Oliveira <i>et al.</i> , 2017 / Oliveira <i>et al.</i> , 2018.
Comunidade de Fundo de Pasto	37	Mucambo	Alimento	Povoado Mucambo / Antônio Gonçalves / Bahia	Menezes, 2012.
Área de Reforma Agrária	38	Assentamento Fazenda Paraíso	Alimento <i>in natura</i>	Área de Proteção Ambiental Marituba do Peixe/ Piaçabuçu / Alagoas	AGB Peixe Vivo, 2021.
	39	Assentamento Santa Mônica	Fragem / Madeira / Combustível	Lagoa; Pombal / Paraíba	Souza, 2016.
	40	Assentamento Agroextrativista São Sebastião	Alimento / Comércio	Povoado Lagamar / Pirambu / Sergipe	Oliveira <i>et al.</i> , 2018.

**Fonte:** Da pesquisa, 2023.

Diante dos dados presentes no Quadro 1, foi permitido identificar espacialmente os grupos sociais que compõem as redes do extrativismo do cambuí (*Myrciaria spp.*) na Caatinga e zonas adjacentes, por meio da elaboração do mapa temático disposto a seguir.



Fonte: Autor, 2023.

Foram ainda identificadas 11 organizações sociais que exercem atividades agroextrativistas com o cambuí, nas diferentes regiões da Caatinga e zonas adjacentes, conforme o Quadro 2.

**Quadro 2** – Organizações que congregam extrativistas de cambuí no bioma Caatinga e zonas adjacentes.

1	Associação das Trabalhadoras Rurais na Agricultura Familiar	Crato/CE
2	Associação dos/as Agricultores/as Familiares da Serra dos Paus Dóias	Exu/PE
3	Associação Comunitária Indígena Kiriri Santo André de Marcação	Banzaê/BA
4	Associação dos Produtores Orgânicos da Região do Cariri Cearense	Crato/CE
5	Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Distrito de Timorante	Exu / PE
6	Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Sítio Serra do Catolé	Nova Olinda/CE
7	Associação das Catadoras de Mangaba de Porteiras do Município de Japaratuba	Japaratuba/SE
8	Cooperativa Ecoagroextrativista Aroeira de Piaçabuçu	Piaçabuçu/AL
9	Cooperativa Ser do Sertão	Pintadas/BA
10	Grupo de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sítio Baixa	Trindade/PE
11	Movimento Associativo Indígena Payayá	Utinga/BA

**Fonte:** Autor, 2023.

Mesmo sendo pequenas em número, essas organizações desempenham um papel fundamental nessa rede produtiva, elas organizam a produção, inspiram famílias agricultoras, organizações de apoio, institutos de pesquisa, elas têm muito significado para o avanço dos estudos sobre a espécie e suas atividades associadas nas diferentes regiões de ocorrência.



Otto Payayá, fabricante da cerveja de cambuí "Kauim Eté", na 9ª Feira Baiana de Agricultura Familiar e Economia Solidária, Salvador-BA, 2018. (SDR, 2018)



## A Associação dos(as) Agricultores(as) Familiares da Serra dos Paus Dóias "AGRODÓIA".

No município de Exu, em Pernambuco, na Serra dos Paus Dóias, a comunidade, representada pela Associação dos(as) Agricultores(as) Familiares da Serra dos Paus Dóias "AGRODÓIA", tem se firmado no cenário nacional como uma referência no extrativismo e no processamento do cambuí. Ao longo de 18 anos de sua existência a AGRODÓIA vem divulgando a importância do cambuí na e para a região, e assim promovendo o cultivo da espécie, visando o repovoamento para fins ecológicos e produtivos em escala comercial. Neste contexto, os sistemas agroflorestais e o extrativismo de frutas nativas, entre elas o cambuí, são destaque nessas atividades ao nível de campo. Inclusive sendo o cambuí uma espécie chave na restauração de áreas degradadas com concepção agroflorestal, presente na assessoria técnica e extensão rural da AGRODÓIA às famílias locais e outras associações e instituições parceiras do território.

Seja na multiplicação da espécie, para conservação e preservação, como na inovação nos usos das frutas, das folhas, cascas e flores. Seja beneficiando para o consumo ou para a venda (Figura 12), produtos como licor, doce, geleia, corante, óleo essencial, farinha, fruta-passas, chás, lambedores, entre outros. Também na meliponicultura e apicultura, quando no período de estiagem, as abelhas são alimentadas pelo pólen produzido em abundância pelas flores do cambuí como podemos ver no Caderno 57 (2022) e Lermen *et al.*, (2023).

**Figura 8** - Licor de Cambuí produzido pela AGRODÓIA, no I Fórum da Sociobioeconomia da Caatinga, Juazeiro-BA, 2023.



Fonte: João Vital, 2023.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Foi possível identificar a ocorrência natural de cambuí (*Myrciaria spp.*), para os municípios localizados no território do bioma Caatinga e as zonas adjacentes. Também foi possível realizar o mapeamento temático da distribuição geográfica da ocorrência natural de cambuí. O trabalho evidencia a escassez de registros, sendo necessário a continuidade da pesquisa, bem como a realização de estudos adicionais. Certamente a distribuição geográfica aumentará na medida em que as coletas sejam realizadas nos diferentes ambientes da Caatinga, uma vez que o bioma apresenta lacunas de coleta e inventário de flora nas suas mais diversas fitofisionomias.

Foi possível identificar e mapear as populações tradicionais envolvidas com extrativismo do cambuí (*Myrciaria spp.*) no bioma Caatinga e nas zonas adjacentes. Assim como os usos realizados pelos diversos segmentos de comunidades tradicionais, sendo a maioria consumidos in natura, com alguns processamentos caseiros e em alguns casos mais elaborados. Essa ocorrência varia desde áreas privadas, remanescentes florestais, unidades de conservação (federal/estadual/municipal), territórios indígenas, comunidades quilombolas, assentamentos da reforma agrária, entre outros.

Foi possível analisar dados econômicos e produtivos sobre o extrativismo do cambuí, vê-se ainda uma expressiva subnotificação nas estatísticas oficiais, entretanto, possuindo uma significativa importância no cotidiano das comunidades que dele se beneficiam. Levantaram-se informações e analisou-as acerca do volume de produção e de recursos gerados e a localização de cada elemento da rede produtiva do cambuí no bioma Caatinga.

Por fim deixa-se aqui um legado em forma de um banco de dados sobre o cambuí (*Myrciaria spp.*), bem como sua atividade extrativista, de modo que sirvam os seus resultados para subsidiar a elaboração de projetos, programas, arranjos produtivos locais, políticas públicas e afins.

Até a próxima!

# REFERÊNCIAS

- ACB. **Estudo mercadológico com espécies florestais de importância econômica da Chapada do Araripe:** janaguba (*Himatanthus drasticus*), mangaba (*Harconia speciosa*) e cambuí (*Myrciaria tenella* (DC) Berg.). Crato: Associação Cristã de Base, 2006. 199p.
- ACCIOLE, L. **Trilhando pela Caatinga São José da Caatinga Japarutuba.** Youtube, 18 de fev. de 2021.
- AGB PEIXE VIVO. **Contratação de Pessoa Jurídica para execução de serviços de recomposição de matas nativas, implantação de sistemas agroflorestais – SAFs e viveiro de mudas, nos municípios de Piaçabuçu/Alagoas e Brejo Grande/Sergipe.** (Termo de Referência) Belo Horizonte: Associação Executiva de Apoio à Gestão de Bacias Hidrográficas Peixe Vivo / Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, 2021. 100p.
- ALMEIDA, V. S. **Uso, manejo e estrutura da vegetação da caatinga por duas comunidades quilombolas do município de Jeremoabo, Bahia, Brasil.** (Tese) Programa de Pós-Graduação em Botânica / Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2011. 161p.
- ALVES. H. **Fruta Nativa (Cambuí).** Poço Verde: Unidos pela Preservação, 4 de março de 2014.
- AMARAL, F. **Câmbuim na Vereda,** Poranga-Ceará. Youtube, 22 de jul. de 2016.
- ANDRADE, R. S.; ALVES, N. M. de S.; FARIAS, M. C. V.; SANTANA, B. L. P. . **Aspectos e conservação da biodiversidade na Comunidade Quilombola Santa Cruz – Brejo Grande/SE.** REGNE, v. 2, Especial. pp.833-840, 2016.
- ARAÚJO FILHO, J. C. de. **Relação solo e paisagem no bioma Caatinga.** In: XIV Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, Dourados: UFGD, 2011. 21p.
- ASSIS, J. G. de. A.; GALVÃO, R. F. M.; CASTRO, I. R. de; MELO, J. F. de. **Plantas Alimentícias Não Convencionais na Bahia: uma rede em consolidação.** Revista Agriculturas, v. 13, n. 2, junho 2016. pp. 16-20.
- AZURIT. **Relatório parcial 04 do monitoramento da fauna ameaçada de extinção - Complexo Eólico Brotas de Macaúbas.** Belo Horizonte: Azurit Engenharia Ltda. Dezembro de 2020. 81p.
- BAIÃO, S. A. A. . **Macaco guigó (*Callicebus coimbrai*): dispersão de sementes e conhecimento ecológico na Mata Atlântica de Sergipe.** (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente-Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013. 78p.
- BAIXIO TURISMO. **Murici.** Travel Agencies Finder: Brasil > Esplanada,BA > Baixio Turismo. 21 de fevereiro de 2018.
- BARRETO, C. E. S. **Turismo de base comunitária: uma alternativa de desenvolvimento socioeconômico nas comunidades Junça, Tigre e Ponta dos Mangues, Pacatuba, Sergipe.**



(Dissertação) Programa de Mestrado Profissional em Turismo – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Sergipe, Aracaju, 2018, 88p.

BARRETO, L.; NEVES, M. L. C. **Conhecimento tradicional da fauna e flora na Comunidade da Barra, Castro Alves, Bahia.** p. 125-130. In: NETO, E. M. C. (Org.) XI SIMPÓSIO BRASILEIRO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA / I FESTIVAL DE SEMENTES CRIOULAS DA BAHIA. 22 a 26 de novembro de 2016, Feira de Santana – Bahia – Brasil. Feira de Santana: Z Arte Editora, 2016, 610p.

BIASOTO A. C. T.; OLIVEIRA, E. A.; VOLTOLINI, T. V.; RYBKA, A. C. P. **Potencial do (*Myrciaria tenella* (O. Berg.), para a Elaboração de Fermentado.** Embrapa Semiárido, Petrolina-PE, 2011. 1p.

BREJÃO DOS NEGROS. **Histórias de “mal’assombro” e cantigas dos mangues e das matas do quilombo Brejão dos Negros.** Brejo Grande: Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo Brejão dos Negros / MMA / INCRA / PNUD. 2017 35p.

CABRAL, E. S. A **Permacultura como Estratégia de Desenvolvimento Local Sustentável: o caso do sítio Serra dos Paus Dóias, Exu- Pernambuco.** Mestrado Profissional em Economia. UFS. São Cristóvão-SE, 2023.

CADERNO 57. **Vivências com Silvanete: mulheres, plantas e cura.** Cadernos Selvagem. Dantes Editora Biosfera. Rio de Janeiro-RJ, 2022.

CAMPOS, P. E. R.; VILMAR, L. L.; CAMPOS, L. M. R.; PEIXOTO, A. R. **Inventário da organização social do extrativismo do cambuí (*Myrciaria spp.*) na caatinga.** *Revista Observatório de la Economía Latinoamericana.* Curitiba, v.21, n.8, pp. 9231-9251, 2023.

CARVALHO, J. C. dos R. **Ilustração Botânica** – Coleção Científica do Império de Exploração do Ceará. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1859-1861.

CASTRO, J. Castro, Josué de. **Geografia da Fome: o dilema brasileiro, pão ou aço.** Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1946. 347p.

CETRA. **Políticas Públicas e Transição Agroecológica no Brasil: reflexões a partir de estudos de caso.** Fortaleza: CETRA – Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador, 2014. 224p.

CHILES, J. M. **Dicomer, dibeber, ou coisa de velho? A agrobiodiversidade e a cultura alimentar geraizeira na comunidade de Pau D’Arco.** (Dissertação) Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais-Universidade Nacional de Brasília, Brasília, 2018, 222p.

COLAÇO, M. A. da S. **Etnobotânica dos índios Pankararé, no Raso da Catarina – Bahia: uso e importância cultural de plantas da caatinga.** (Dissertação) Mestrado em Botânica-Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2006, 100p.

CONTAG. **Mostra das Margaridas - Catálogo dos Grupos Produtivos de Mulheres Rurais.** Brasília: Comissão Organizadora da Marcha das Margaridas CONTAG / FETAGs / STTRs, 2011. 84p.

COSTA, G. M. de. **Ecologia da vegetação de caatingas em diferentes substratos, Bahia, Brasil.** (Tese) Programa de Pós-Graduação em Botânica - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014, 191p.

EBDA. **Centrenor capacita agentes comunitários no cultivo do cajueiro.** Salvador: Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola. 9 de setembro de 2011.

EBDA. **EBDA participa da II Feira da Agricultura Familiar em Euclides da Cunha.** Salvador: Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola. 2 de março de 2012. 2012a.

EBDA. **EBDA produz mudas para recuperação ambiental no semiárido.** Salvador: Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola. 2 de maio de 2012. 2012b.

EBDA. **CENTRENOR produz mudas de espécies ameaçadas.** p. 32. In: EBDA, Revista Pacto. Salvador: Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola. Dezembro de 2012. 46p. 2012c.

EBDA. **Mudas de cajueiro anão precoce são disponibilizadas para agricultores familiares.** Salvador: Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola. 16 de setembro de 2013. 2013.

FEITOSA, A. C. da. C. **Tapuya Kariri e as sementes crioulas: luta e resistência na (re)construção do território de direito em São Benedito (CE).** (Dissertação) Mestrado Acadêmico em Geografia – Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2018, 120p.

FIDA. **Ecogastronomia para jovens rurais do Semiárido : Compartilhando saberes e sabores locais adotando a filosofia Slow Food nos projetos FIDA.** Sergipe : Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) : IICA - Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, 2018. 58p

GAIA. **Relatório de Impacto Ambiental – RIMA: Empreendimento Costa de Imbassaí Resort e Residence.** Salvador: Gaia Consultoria em Recursos Naturais Ltda. 2011, 221p.

GAMA, D. C., JESUS, J. B., OLIVEIRA, F. F., NASCIMENTO JÚNIOR, J. M., GOMES, L. J. **O cambuí (Myrciaria tenella (DC.) O. BERG; MYRTACEAE): extrativismo e geração de renda em Ribeira do Pombal-Bahia.** Revista Brasileira de Agroecologia, 12(1), pp. 042-051, 2017.

GONÇALVES, André L. R.; MEDEIROS, Carlos M.; MATIAS, Rivaneide L. A. **Sistemas agroflorestais no Semiárido brasileiro: estratégias para combate à desertificação e enfrentamento às mudanças climáticas.** Recife: Centro Sabiá/Caatinga, 2016, 136p.

IBGE. **Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura – 2014.** Vol.30. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015. 56p.

----- **Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura – 2015.** Vol.31. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2016. 48p.

----- **Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura – 2016.** Vol.32. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2017. 54p.

----- **Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura – 2017.** Vol.33. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2018. 15p.

----- **Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura – 2018.** Vol.34. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019. 15p.

----- **Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura – 2019.** Vol.35. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020. 16p.

----- **Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura – 2020.** Vol.35. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2021.

----- **Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura – 2021.** Vol.35. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022.

----- **Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura – 2022.** Vol.35. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023.

ICMBIO. **Plano de Manejo do Parque Nacional de Ubajara.** Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2002. 138p.

----- **Plano de Manejo do Parque Nacional da Chapada Diamantina.** Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2007. 506p.

----- **Catálogo de Produtos da Sociobiodiversidade do Brasil - Ofertados pelos povos e populações tradicionais em Unidades de Conservação Federais.** 2º Ed. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2019. 104p.

INVISIA. **Relatório de Impacto Ambiental – RIMA: Costa Azul Bahia Golf Resort & Condomínio.** Salvador: Invisia Internacional Hotéis Ltda. 2011. 99 p.

JESUS, M. E. C. de (Org.) **Plano de Manejo da RPPN Dona Benta e Seu Caboclo.** Pirambu: Razão Ambiental, 2016. 157p.

JESUS, N. G. de.; ALMEIDA, G. S. S. de.; FONSECA, M. R. da. **Diversidade Florística de dois remanescentes de Floresta Ombrófila Densa.** pp. 159-170. In: NUNES, M. de C.; MATOS, M. R. B. de. (Orgs.) Litoral norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação. Salvador: EDUFBA, 2017. 455p.

LATZINO, F. **Dicionário Geográfico Argentino.** Buenos Aires: Pauser 1899. 164p.

LEAL, R. S. **Estudo etnofarmacológico e fitoquímico das espécies medicinais *Cleome spinosa* Jacq., *Pavonia varians* Moric. e *Croton cajucara* Benth.** (Tese) Programa de Pós-graduação em Química / Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008. 190p.

LERMEN, V. L.; FREITAS, H. R.; SILVA, A. F. **A construção do conhecimento agroecológico na**

**Chapada do Araripe: o caso da AGRODOIA e de uma família agricultora.** Revista Campo-Território, v. 16(43), pp. 13-23, 2021.

LERMEN, M. S. B. de S.; BENEDITO, E. de S.; BARBOSA, F. C. G.; SILVA, L. B.; LERMEN, V. L.; LERMEN, J. de S.; SOUZA, L. A. **Em tempo de pandemia comunidade Serra dos Paus Dóias se reafirma nos conhecimentos ancestrais para enfrentamento e fortalecimento desses saberes coletivos.** In: Anais do Seminário Regional de Plantas Bioativas e Homeopatia; Jornada Sul Brasileira de Pesquisa em Plantas Medicinais e Homeopatia. Anais... Passo Fundo (RS) FASURGS; UFFS; UPF; EMATER/RS, 2021.

LERMEN, V. L. GIRÃO, E. G.; SANTOS, F. G. B. dos; CARDOSO, J. H.; SOUZA, P. F. M. **Indicadores de Agrobiodiversidade na Comunidade Rural de Paus Dóias, Exu-PE, Brasil.** Revista Brasileira de Agroecologia, v. 18(3), pp. 94-112, 2023.

LERMEN, V. L. **Experiências de agricultores(as) familiares com sistemas agroflorestais no território sertão do Araripe pernambucano, semiárido brasileiro.** 2023 (Dissertação) Mestrado Profissional em Extensão Rural / Universidade Federal do Vale do São Francisco, Juazeiro-BA, 2023.

LERMEN, V. L.; FREITAS, H. R.; ARAÚJO, N. de A.; LERMEN, M. S. B. de S. **Vivências em formação agroflorestal no Sertão do Araripe pernambucano.** (Produto Final) Mestrado Profissional em Extensão Rural / Universidade Federal do Vale do São Francisco, Juazeiro-BA, 2023. vi, 20 f.; il.; 29cm.

LESSA, C.; PONTES, A. **Alunos criam projeto para divulgar potencial turístico da Serra da Cotréa.** p.4. In: MOURA, A. (Ed.) Raio X da Educação. Ed. 7. Jornal A Tarde (Projeto Especial) Salvador, Bahia, Quinta-feira, 29/03/2018. 2018. 8p.

LEMO, E. E. P.; ET AL. **Myrciaria floribunda: cambuí.** pp. 205-216. In: CORADIN, L.; CAMILLO, J.; PAREYN, F. G. C. (Eds.). Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro: região Nordeste. Brasília, DF: MMA, 2018. 1.314p

LIMA, A. E. F.; SILVA, L. A. de L. e. **Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANCs): Um Resgate das frutas dos matos na Comunidade de Ponta Grossa - Icapuí - Ceará - Brasil.** 2p. In: I Congresso Brasileiro de Gastronomia, Ciência e Cultura Alimentar. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2017. 288p.

MACIEL, T. C. M. **Extrativismo do pequi (*Caryocar coriaceum wittm*): situação e perspectivas para sua sustentabilidade no Cariri cearense.** (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável/Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, 2016. 96p.

MARIANO, A. **Índios Sertanejos – a vida dos Kiriris.** Projeto "Excursão Científica", da FAGED/UFBA, novembro de 2000. 8p.

MARQUES, A. T. B.; RYBKA, A. C. P; ARAÚJO, A. J. B. **Suco, geleia e bebida alcoólica fermentada de derivados de cambuí.** Petrolina: Embrapa Semiárido, 2013. 5 p. (Embrapa Semiárido. Comunicado técnico, 156).

MENESES, C. J. de. **Efeitos de variáveis ambientais na ocupação local de aves da Caatinga.**

(Dissertação) Programa de Pós-graduação em Zoologia / Universidade de Brasília, Brasília, 2016. 68p.

MENEZES, I. D. de. **Ecologias das identificações e suas sabenças na Comunidade de Fecho de Pasto Mucambo, Antônio Gonçalves, BA.** (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Educação / Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. 278p.

MENEZES, C. M.; AGUIAR, L. G. P. de A.; ESPINHEIRA, M. J. C. L.; SILVA, V. Í. S. da; **Florística e Fitossociologia do componente arbóreo Florística e Fitossociologia do componente arbóreo do município de do município de Conde, Bahia, Brasil.** REVISTA BIOCIÊNCIAS, UNITAU. vol.15, n.1, pp. 44-55, 2009.

MESQUITA, P. C. **Elaboração de licores artesanais como alternativa de desenvolvimento da agroindústria familiar do município de Ubajara – Ceará.** p.48. In: IFCE. Catálogo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Júnior- PIBIC Jr. (2015-2016). Fortaleza: Instituto Federal do Ceará, 2015. 88p.

MIRANDA, L. V. C. **Gameleira do Assuruá.** Xique xique: Xique Xique e Gentio do Ouro Notícias. 29 de janeiro de 2013.

MIRANDA, C.; MARQUES, R.; NOVAES, J.; MARQUES, J. (Orgs.) **Serra da Berinjela: a terra onde nascem as águas.** Paulo Afonso: Editora SABEH, 2020.176p.

MODERCIN, I. F. **Rancho do Jatobá do Meio do Mundo: Etnografia da agricultura Pankararé e a relação dos índios com o ambiente.** (Dissertação) Programa de Pós Graduação em Antropologia/Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2010. 190p.

MOURA, F. de B. P. **Entre o peixe e o dendê; etnoecologia do povo dos Marimbús, Chapada Diamantina - BA.** 2002. 136 f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2002.

MOTA, D. M. da; SCHMITZ, H.; SILVA JUNIOR, J. F. da; JESUS, N. B. de PEREIRA, E. O.; RODRIGUES, R. F. de A.; SANTOS, J. V. dos; CURADO, F.F. **As catadoras de mangaba: problemas e reivindicações.** Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2007, 74p.

MOTA, D. M. da; SILVA JUNIOR, J. F. da; PEREIRA, E. O.; RODRIGUES, R. F. de A.; JESUS, N. B. de; SCHMITZ, H.; SANTOS, J. V. dos. **Capacitação Solidária das Catadoras de Mangaba.** Aracajú: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2008, 38p.

NASCIMENTO, A. M. L.; RAMOS, E. M. N. F; SILVA, J. S. B. da. **Conhecimento e uso das plantas da caatinga por agricultores locais moradores de uma comunidade rural do município de Pesqueira estado de Pernambuco.** CIENTEC – Revista de Ciência, Tecnologia e Humanidades do IFPE | Vol. 10, no 1, 2018, pp.75-91

NAZIAZENO, P. **Panela sergipana: sabores da terra de araras e cajus.** Aracajú: Ed. Da Autora, 2020, 94p.

OLIVEIRA, A. R. S. N. de. **Quintais produtivos como elementos de educação contextualizada ao**



**semiárido cearense: saberes e fazeres.** (Dissertação). Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2019. 121p.

OLIVEIRA, D. M. de; CRUZ, D. S.; FREITAS, B. A. L. de; LIMA, T. N. M.; GOMES, L. J. **Identificação dos pontos críticos no sistema extrativista da mangaba (*Hancornia speciosa* Gomes) em Sergipe.** Guaju, Matinhos, v.3, n.1, p. 11-36, jan./jun. 2017

OLIVEIRA, D. M. de; SANTOS, L. A. S.; GOMES, L. J. **Uso da flora em assentamento agroextrativista do litoral de Sergipe, Brasil.** Guaju, Matinhos, v.4, n.1, p. 163-183, jan./jun. 2018.

PADOVESI, A.; OLIVEIRA, M.; JACOB, L. B. **Conhecimento agroecológico local: caminhos para a adaptação às mudanças climáticas e restauração da Caatinga.** Working Paper, pp. 1-32, São Paulo: WRI Brasil, 2018.

PLAMA. **Relatório de Impacto Ambiental – RIMA: Empreendimento Turístico Hoteleiro da Bensal do Brasil Holding.** Salvador: PLAMA Planejamento e Meio Ambiente Ltda. 2011, 196 p.

PEREIRA, E. O. **Populações extrativistas e reforma agrária no estado de Sergipe: o caso do povoado Alagamar.** pp. 167-205. In: CURADO, F. F.; LOPES, E. S.; SANTANA, M. (Orgs.) Do plural ao singular: dimensões da reforma agrária e assentamentos rurais em Sergipe. Aracajú: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2008, 254p.

PROFESSORAS E PROFESSORES KAPINAWÁ. **Kapinawá –Território, Memórias e Saberes.** Olinda: Centro de Cultura Luís Freire, 2016, 120p

PICKEL, B. J. **Flora do Nordeste segundo Piso e Marcgrave: no século XVII.** ALMEIDA, A. V. de (Ed.) Recife: EDUFRPE, 2008. 312p.

PINHEIRO, R. C. do S. **TBC no Território Quilombola Brejão dos Negros/SE: Uma proposta de desenvolvimento turístico local.** (Dissertação) Programa de Mestrado Profissional em Turismo – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Sergipe, Aracaju, 2018, 160p.

QUILOMBO MULATOS. **Curiosidade sobre o Cambuí.** Youtube: 23 de maio de 2022.

RIBEIRO, A. R. C. **Prospecção química e de atividades antioxidante e antiproliferativa dos extratos de *Myrciaria tenella* (DC.) O. Berg (*Myrtaceae*) e *Salvia hispanica* L. (*Lamiaceae*).** (Tese) Programa de Pós-graduação em Bioquímica – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2019. 113p.

ROCHA, A. M.; SANTOS, C. A. M. dos; BEZERRA, J. A. B. **Estudo sobre alimentos tradicionais no Crato, Cariri cearense.** Feira de Santana: Anais do I Seminário Alimentação e Cultura da Bahia, Centro de Estudos do Recôncavo da Universidade Estadual de Feira de Santana, 2012.

ROCHA, H. G. **Estudo da extinção de *Myrciaria tenella* (Cambuí) na serra do Taquari, município de Jardim-CE.** (Monografia) Especialização Em Biologia e Química - Universidade Regional do Cariri, Crato, 2003.

RODRIGUES, R. F. de A.; MOTA, D. M.; SILVA JUNIOR, J. F. da; VIERA, D. L. M.; PEREIRA, E. O.; BRITO, J. V. dos S.; JESUS, N. S. de. **As catadoras de mangaba em defesa dos seus modos de vida.** Aracajú: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2015, 55p.

RODRIGUES, M. G. **A aula de campo e suas potencialidades para a promoção da alfabetização científica: um olhar além do alumbramento.** (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática - Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017, 96p.

SANTOS, A. C. de A. *et al.*, . ***Kalyptodoras bahiensis* Higuchi, Britski & Garavello 1990**, pp. 192–194. In: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (org.) Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume. IV – Peixes. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2018. 1232 p.

SANTOS, L. R. da; GOMES, L. J.; SANTOS, C. A. da; OLIVEIRA, D. M. de. **Extrativismo do cambuí (*Myrciaria* sp.): conhecimentos, práticas e renda na comunidade Ribuleirinha, litoral sul de Sergipe.** Guaju, Matinhos, v.4, n.2, pp. 63-85, jul./dez. 2018.

SANTOS, M. O.; LORENZO. V. P. **Avaliação in vitro de extratos de plantas da caatinga no controle do fungo alternaria.** Revista Semiárido De Visu, pp 1-10. Petrolina: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Campus Petrolina Zona Rural, 2018.

SANTOS, A. L. de S. **Interação de comunidades rurais com recursos vegetais: o caso dos remanescentes de floresta estacional do município de Junqueiro (AL-Brasil).** (Tese) Programa de Pós-Graduação em Geografia / Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2008, 133p.

SDR. **Etnia Payaya de Utinga traz para a capital baiana a cerveja de cambuí.** Salvador: Secretária de Desenvolvimento Rural, 2018.

SEMACO-ENSIS. **Mesa-redonda 5: Cambuí: Usos e Costumes, Saberes e Fazeres.** Youtube, 4 de jun. de 202.

SILVA, V. A. da; ANDRADE, L. de H. C. **O significado cultural das espécies botânicas entre indígenas de Pernambuco: o caso Xucuru.** Biotemas, v.17, No 1, 2004, pp. 79-94.

SILVA, C. G. da; MARINHO, M. da G. V. **Levantamento preliminar de espécies alimentares nativas da Chapada do Araripe, no município de Missão Velha, Ceará, Brasil.** XVI Semana de Iniciação Científica e II Semana de Extensão. Crato: Universidade Regional do Cariri, 2013.

SILVA, J. S. da. **Conhecimento ecológico local sobre aspectos alimentares e reprodutivos *Tupinambis merianae* (Duméril & Bibron, 1839) e *Hoplias malabaricus* (Bloch, 1974) no semiárido do nordeste brasileiro.** (Dissertação) Mestrado em Ecologia – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2013. 62p.

SILVA, M. A. de J.; SARAIVA, R. C. F. **O território de Itapicuru: ocupação, identidades e territorialidades pré existentes à mineração.** Oralidades - Revista de História Oral. Ano 9, n. 14, jan-dez. p. 39-66, 2015.

SILVA, A. V. C.; NASCIMENTO, A. L. S.; MUNIZ, E. M. **Fruiting and quality attributes of cambui (*Myrciaria floribunda* (West ex Willd.) O. Berg in the Atlantic Forest of northeast Brazil.** Revista Agro@ambiente On-line, v.14, n.3, pp. 1-13, 2020.

SILVA, A. V. C.; *et al.*, . **Fruit and seed biometry of cambuí (*Myrciaria tenella* O. Berg).** Revista Agro@ambiente On-line, v.6, n.3, p. 258-262, 2012.

SILVA, H. R. da C.; MENEZES, S. de S. M. **As geograficidades dos alimentos nas comunidades tradicionais pesqueiras de Brejo Grande/SE.** Geograficidade, 11(1), 19-35, 2021.

SANTOS, O. de A. **O território e a pedra de rumo: uma experiência de delimitação territorial da Comunidade Quilombola de Paus Altos no município de Antônio Cardoso – Bahia.** (Dissertação) Pós-Graduação em Planejamento Territorial - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2017. 154p.

SOUZA, P. F. M. *et al.*, . **Saberes acadêmico e tradicional na identificação e definição de prioridades para conservação de espécies da flora nativa com uso comercial de produtos não madeireiros na Chapada do Araripe, Caatinga, nordeste do Brasil.** In: Seminário de pesquisa, 8., Brasília; Encontro de Iniciação Científica, 8.,2016, Brasília. Anais... Brasília-DF: ICMBIO, 2016. pp. 103-104.

SOUZA, P. F. de **Diagnóstico florístico estrutural de caatinga em gradientes altitudinais no estado da Paraíba.** (Tese) Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais-Universidade de Brasília, Brasília, 2016. 108p.

SLOW FOOD. **O sussu é bom pra chuchu.** São Paulo: Notícias Slow Food, 16 de julho de 2019.

THEISEN, Rafael. **Avaliação do uso de Antocianinas como Corantes Naturais em Células Solares Sensibilizadas por Corantes Naturais (CSSC).** (Dissertação) Mestrado em Bioenergia. UNICENTRO. Guarapuava-PR, 2022.